ções de cor e figura, e nos deixavamos prevenir pela vivacidade das primeiras impressões, fomos levados a considerar as raças, não como simples variedades, mas como troncos humanos originariamente distinctos. A permanencia de certos typos, [1] a despeito de influencias as mais contrárias das causas exteriores, principalmente clima, parecia favorecer este modo de ver, por curtos que fossem os periodos de tempo cujo conhecimento historico nós alcançámos. Mas, na minha opinião, razões mais poderosas militam em favor da unidade da especie humana, a saber: as numerosas gradações [2] da côr da pelle e structura do craneo, que os rapidos progressos da sciencia geographica tem feito conhecer nos tempos modernos; a analogia que seguem, alterando-se, as outras classes de animaes tanto selvagens como domesticos; as observações positivas que se tem recolhido sôbre os limites prescriptos á fecundidade dos mestiços. [3] A maior parte dos contrastes que d'antes se admiravam tanto, foi-se perante o profundo trabalho de Tiedemann sôbre o cerebro dos pretos e dos europeus, perante as indagações anatomicas de Vrolik e Weber sôbre a configuração da bacia. Se n'esta generalidade quizermos comprehender as nações africanas de côr escura, sôbre as quaetanta luz derramou a obra capital de Prichard, e se as compararmos ás tribus do archipelago meridional da India e ilhas da Australia-occidental, com os Papús e os Alfurus (Harafores, Eudamenes), conheceremos claramente que a côr negra da pelle os cabellos crespos e as feições da physionomia preta estão longe de sempre estar reunidas. [4] Emquanto que uma pequena parte da terra foi aberta aos povos do Occidente, vistas exclusivas dominavam entre elles. O calor ardente dos tropicos e a côr negra da pelle pareceram inseparaveis. « Os ethiopes, » cantava o antigo poeta tragico Theodecto de Phaselis, [5] « devem, ao deus do sol, que se aproxima d'elles em seu curso, o lustroso sombrio da fuligem com que elle lhes tinge o corpo. » Foi necessario as conquistas d'Alexandre, que suscitaram tantas ideas de geographia-physica, para provocar o debate relativo a ésta problematica influencia dos climas sôbre as raças d'homens. « As familias dos animaes e plantas, » disse um dos maiores anatomistas da nossa idade, João Muller, na sua physiologia do homem, « modificam-se durante a sua propagação pela superficie da terra, entre os montes que designam as especies e os generos. Perpetuam-se organicamente como typos da variação das especies. Do concurso de differentes causas, de condições differentes, tanto interiores como exteriores, que não poderiam ser designadas em detalho, provieram as presentes raças d'animaes; e as suas variedades mais notaveis encontram-se nos que tem maior faculdade de as derramar pela terra. As raças humanas são fórmas d'uma unica especie, que se casam e ficam fecundas, perpetuando-se pela geração. Não são especies d'um genero; porque se o fossem, quando se cruzassem ficariam estereis. Saber se as raças d'homem existentes descendem d'um ou de muitos homens primitivos, é o que pela experiencia se não póde descubrir. » [6]

As indagações geographicas sôbre a séde primordial, ou, como se diz, sôbre o berço da especie humana, tem em si um character meramente mythico. «Nós não conhecemos,» diz Guilherme Humboldt n'um trabalho ainda inedito sôbre a diversidade das linguas e dos povos, « nós não conhecemos nem historicamente nem por tradição nenhuma certa, uma so occasião em que a especie humana não tenha estado separada em grupos de povos. Se este estado de coisas existiu assim desde a origem, ou se se produziu depois, é o que pela historia se não póde decidir Acham-se lendas isoladas em pontos mui diversos do globo, sem communicação apparente, que estão em contradicção com a primeira hypothese, e fazem descender o genero humano todo inteiro d'um casal so. Ésta tradição está tam espalhada que vezes ha que tem sido encarada como uma antiga recordação dos homens. Mas ésta mesma circumstancia provaria antes que não ha n'isto nenhuma transmissão real d'um facto, nenhum fundamento verdadeiramente historico, e que é simplesmente a identidade da concepção humana, que em toda a parte tem levado os homens a uma explicação similhante de um phenomeno identico. Um grande número de mythos, sem ligação historica uns com outros, devem por este modo a sua similhança e origem á paridade das imaginações ou das reflexões do espirito humano. O que mostra tambem na tradição de que se tracta o character manifesto da ficção, é que ella pertende explicar um phenomeno fóra de toda a experiencia, o da primeira origem da especie humana, d'uma maneira conforme com a experiencia dos nossos dias; a maneira, por exemplo, com que n'uma epocha em que o genero humano todo inteiro contava ja milhares d'annos d'existencia, uma ilha deserta ou um valle isolado entre as montanhas, poderia ter sido povoado. Emvão o pensamento se concentraria na meditação do problema d'esta primeira origem; o homem está tam fortemente prêso á sua especie e ao tempo, que não se saberia conceber um ser humano que viesse ao mundo sem um familia ja existente, e sem um passado. Ésta questão pois não podendo ser resolvida nem por via do raciocinio nem pela da experiencia, não ha remedio senão pensar que o estado primitivo, tal como nol-o descreve uma supposta tradição, é realmente historico, ou então que a especie humana, desde o seu principio, cobriu a terra em fórma de povoações? É o que a sciencia das linguas não seria capaz de decidir por si mesma, assim como ella não deve tambem ir procurar fóra de si uma solução para d'ella tirar esclarecimentos sôbre os problemas que a occupam. »

A humanidade distribue-se em simples variedades,

(1) Tacito, nas suas considerações sôbre a população da Bretanha [Agr. c. II], distingue maravilhosamente o que póde provir das influencias do clima d'aquillo que pertence, nas tribus vindas de fóra, ao antigo e immutavel podêr do typo hereditario.

(2) V. sôbre a raça americana em geral a obra de S. G. Morton: *Crania americana*; e sôbre os craneos trazidos por Pentland do alto paiz de Titicaca o *Journal medical* de Dublin, 1834 v. V. pag. 475. A. d'Orbigny, *L'homme américain*; e as viagens ao interior da America do Norte, de Wied

(3) R. Wagner, *Sôbre a geração dos mestiços e bastardos*, na *Historia natural da especie humana* de Prichard.

(4) Prichard, t. I, p. 431, t. II, p. 363.

(5) Welcker (*Sôbre as tragedias gregas*, em allemão) julga que os versos citados por Strabão pertenceriam a uma tragedia perdida chamada *Memnon*.

(6) J. Muller, *Phisiologia do homem*.

CORRESPONDENCIA.

A afluencia de correspondencias que diariamente recebe ésta Redacção, faz necessario, á imitação dos jornaes extrangeiros, dar em cada número um certo expediente, indispensavel para satisfação dos correspondentes e para desencargo da Redacção, a quem não seria possivel manter um expediente privado e directo. Adoptou-se, pois, debaixo d'este titulo: *correspondencia*, dar immediata e franca solução sôbre todos os artigos que forem remettidos á Redacção da REVISTA.

—

Dizemos ao auctor dos artigos: *E' este o meu mundo*, que apezar do muito que estimariamos podêr publical-os, achâmos que elles sahem muito da esphera d'este jornal. São devolvidos do modo que se nos indica.

—

Achâmos demasiado erotica para as nossas columnas, a bonita poesia que nos foi remettida de Cuba.

—

Sentimos que o artigo que nos é remettido da Marinha-Grande, seja de assumpto de polemica (O Magriço, drama), sôbre o qual resolvemos não insistir.

—

O artigo do Sr. C. X. P. Brandão, será inserido proximamente.

CONHECIMENTOS UTEIS.

DA ESPECIE-HUMANA.

616 Em abril do anno passado appareceu na Allemanha o 1.º vol. da obra do barão de Humboldt intitulada 'Cosmos, ensaio de uma discripção physica do mundo.' Pouco mais de tres mezes depois, na REVISTA n.º 9 (vol. V) foi annunciada ésta grande obra, *considerada pelos sabedores como expressão fiel do estado actual das sciencias physicas*. Em janeiro e fevereiro d'este anno (n.ºs 31 e 36) apresentaram-se nas columnas d'este jornal duas analyses d'ellas, uma pelo que respeita ao *ceu* outra á *terra*, devidas ambas ao zêlo do Sr. barão de Eschwege e á generosa offerta do Sr. Franzini. Em março (n.º 40) deu a Redacção a traducção das *considerações sôbre os diversos graus de fruição que offerece o aspecto da natureza e o estudo das suas leis*, que serve de introducção ao 'Cosmos', e que acabava de ser publicada em França no 'Annuaire des voyages' para 1846. Agora, em abril ultimo, sahiu finalmente em Paris a traducção do 1.º vol. do 'Cosmos', que fórma um corpo d'obra completo. Apenas chegado a Lisboa, este volume, a REVISTA julgou dever apresentar logo aos seus leitores a traducção da última secção d'elle, e que o remata, que tracta do homem em relação ás differentes raças.

D'este modo a REVISTA em Portugal tem dado conta, em resumo, e ainda primeiro, algumas vezes, do que em França, da obra mais recente e importante, e de maior nomeada nas sciencias, que hoje existe. Estes esforços da Redacção, e de seus benemeritos collaboradores, fico eu que serão dignamente apreciados pelos leitores da REVISTA, que assim teem gozado de toda a impressão de uma grande *novidade* litteraria, d'uma maneira como ainda não houve precedente entre nós, e cujo exemplo será certamente incentivo para o movimento das lettras n'este paiz.

De resto a sciencia das raças está apenas em comêço, se bem que muito se tem escripto ja sôbre ella. As viagens que annualmente expedem os govêrnos mais illustrados, em serviço das sciencias physicas, hade contribuir muito para a formar. O celebre professor Serres, no seu curso do anno passado, deitou as primeiras linhas de uma anthropologia comparada, de que alguns jornaes de Paris nos deram conta, nomeadamente a 'Revista dos dois mundos.' Alguns naturalistas teem dividido a especie humana em dois subgeneros, a dos cabellos-lisos e a dos cabellos-encarapinhados, e em quinze especies, algumas das quaes se subdividem em raças; mas geralmente a especie-humana é dividida em quatro raças: caucasica (pelle-branca, cabellos lisos, oleosos e finos); mogolica (pelle amarella, cabellos densos e asperos); ethiope (pelle negra, cabellos crespos e lannosos); americana (pelle amarello-vermelha, cabellos pretos, compridos e asperos.) Alguns eliminam a raça americana, e deixam so as outras tres.

A existencia d'estas raças, os factos historicos de que parece deprehender-se uma submissão natural da raça negra á amarella, e de todas á branca, tem feito suppor certa gradação de superioridade na especie humana, e ainda a dúvida de uma origem commum a todas ellas. O barão de Humboldt rectifica muitas opiniões tidas como exactas, mesmo entre os sabios; opina pela unidade da especie humana, e regeita a gradação. Aqui está como elle se explica n'este seu profundo trabalho:

—

Emquanto se attentou so nos extremos das varia-

que se designam pelo vocabulo algum tanto indeterminado de *raças*. Assim como no reino vegetal, na historia-natural dos passaros e peixes, é mais seguro grupar os individuos n'um grande número de familias, do que reunil-os n'um pequeno número de secções que abranjam massas consideraveis, tambem na determinação das raças parece-me preferivel estabelecer pequenas familias de povos. Que se siga a classificação de meu mestre Blumenbach em cinco raças (caucasica, mongolica, americana, ethiope, e malaia), ou que com Prichard se reconheçam sette raças [7] (iraniense, touraniense, americana, de hottentotes e bouschmans, de pretos, papús e alfurús), não é menos certo que nenhuma differença radical e typica, nenhum principio de divisão natural e rigoroso, governa taes grupos. Separemos o que parece formar os extremos da configuração e da côr, sem nos importar com as familias de povos que se esquivam a essas grandes classes e que nomeámos, ou sejam raças scythicas ou allophylicas. *Iranienses* é na verdade uma denominação melhor escolhidas para os povos da Europa do que caucassianos; e todavia convem confessar que os nomes geographicos tomados como designação de raças, são extremamente indeterminados, principalmente quando o paiz que tem de dar o seu nome a tal ou tal raça se acha, como o Touran ou Mawerannahr, por exemplo, que foi habitado em differentes epochas, [8] por troncos de povos os mais diversos, d'origem indo-germanica e finneza, mas não mogolica.

As linguas, creações intellectuaes da humanidade e que tam perto estão do primeiro desinvolvimento do espirito, teem, por esse character nacional que em si apresentam, uma alta importancia para ajudar a conhecer a similhança ou differença das raças. O que lhes dá ésta importancia, é a communidade de sua origem que é um fio conductor por meio do qual se penetra no mysterioso labyrintho, em que a união das disposições physicas do corpo com os poderes da intelligencia se manifesta sob mil fórmas diversas. Os notaveis progressos que o estudo philosophico das linguas tem feito na Allemanha, ha meio seculo para ca, facilitam as investigações sôbre o character nacional d'ellas. [9] sôbre o que ellas parecem dever ao parentesco dos povos que as fallam. Mas, como em todas as espheras da especulação ideal, ao lado da esperança de um certo e rico despojo, está o perigo das illusões tam frequentes em similhante materia.

Estudos ethnographicos positivos, sustentados com profundo conhecimento da historia, ensinam-nos que é necessario usar de grandes precauções n'esta comparação dos povos e das linguas, de que elles se teem servido n'uma epocha determinada. A conquista, o longo habito de viver em sociedade, a influencia d'uma religião extranha, a mistura das raças, ainda mesmo quando isso não tivesse tido logar senão com pequeno número d'emigrados mais fortes e mais civilizados, teem produzido um phenomeno que se observa conjunctamente nos dois continentes, a saber, que duas familias de linguas inteiramente differentes podem achar-se n'uma so e mesma raça; que, por outra parte, nos povos de origem muita diversa podem achar-se ediomas do mesmo tronco de linguas. Os grandes conquistadores da Asia é que, pelo podêr de suas armas, pela deslocação e transtorno das povoações, teem contribuido, principalmente, para crear na historia este duplicado e singular phenomeno.

A linguagem é uma parte integrante da historia natural do espirito, e se bem que o espirito em sua feliz independencia, se faça a si mesmo a lei que elle segue debaixo das mais diversas influencias, bem que a liberdade que lhe é propria se esforce constantemente para o subtrahir a éstas influencias, com tudo elle não poderia soltar-se de todo dos laços que o prendem á terra. Sempre resta alguma coisa do que as disposições naturaes tomam do solo, do clima, da serenidade d'um ceu azul, ou do sombrio aspecto de uma atmosphera carregada de vapores. Sem dúvida que a riqueza e a graça na structura d'uma lingua são obra do pensamento, d'onde ellas nascem como a mais delicada flor do espirito; mas as duas espheras da natureza physica e da intelligencia ou do sentimento, não estão menos fortemente ligados uma á outra; e é por isso que não quizemos tirar ao nosso quadro do mundo o que éstas considerações lhe podiam communicar de colorido e luz, por mui rapidas que ellas fossem, sôbre a correlação das raças com as linguas.

Mantendo a unidade da especie humana, regeitâmos, por consequencia necessaria, a triste destincção das classes superiores e classes inferiores. [10] Sem dúvida que ha familias de povos mais capazes de cultura, mais civilizadas, mas illustradas; mas não as ha umas mais nobres que outras. Todas são feitas egualmente para a liberdade, para ésta liberdade que n'um estado de sociedade pouco adiantado não pertence senão ao individuo; mas que nas nações chamadas á fruição de verdadeiras instituições politicas, é o direito de toda a communidade. «Uma idea que se revela atravez da historia, dilatando todos os dias o seu imperio salutar, uma idea que, melhor que outra qualquer, prova o facto muitas vezes contestado, mas ainda mais vezes mal intendi-

(7) Prichard, t. I, p. 295; t. III, p. 11.

(8) A tardia chegada das tribus turcas e mogols, ou sôbre o Oxus, ou ás steppes dos kirghisos, está em opposição com a opinião de Niebuhr, segundo a qual os scythas de Herodoto e de Hippocrates eram mogols. E' muito mais verisimil que os scythas [Scolotes] viessem dos Massagetos indo-germanicos [Alanos]. Os Mogols, verdadeiros tartaros [nome que depois lhes foi dado pouco a proposito das tribus puramente turcas da Russia e da Siberia] habitavam então muito longe a leste da Asia. Um linguista distincto, Buschmann, conta que Firdoussi, no Schahnameh, que começa por uma historia semi-mythica, faz menção de uma 'fortaleza d'alanos' nas costas do mar, dois seculos antes de Cyro. Os kirghisos da steppe chamada scythica, foram originariamente uma povoação finneza. Menandro conta que o chakan dos turcos em 569, presenteou com uma escrava kirghisa o embaixador de Justino II. A similhança de costumes, nos sitios onde a natureza do paiz lhes dá character preponderante, é prova muito pouco certa da identidade das raças.

(9) Guilherme Humboldt, *Sôbre a diversidade das tructura das linguas humanas*, na sua obra *Sôbre a lingua Kawi, na ilha de Java*, t. I.

(10) A doutrina da desigualdade do direito para a liberdade entre os homens, e da escravidão como instituição fundada sôbre a natureza, acha-se desinvolvida com todo o rigor systematico em Aristoteles, *Politica*.

do, da perfectibilidade geral da especie, é a idea da humanidade. Ésta é que tende a fazer cahir as barreiras que os prejuizos e toda a sorte de vistas interesseiras tem levantado entre os homens, e a fazer encarar a humanidade no seu complexo sem distincção de religião, de nação, nem de côr, como uma grande famillia d'irmãos, como um corpo unico, marchando para um unico e mesmo fim, o livre desinvolvimento das forças moraes. Este fim é o *fim final*, o fim supremo da sociabilidade, e ao mesmo tempo a direcção imposta ao homem pela sua propria natureza, para o augmento indefinito da sua existencia. Elle olha a terra tam longe como ella se alonga; o ceu tam extenso quanto o póde descobrir, illuminado de estrellas como sua última propriedade, como um campo aberto á sua actividade physica e intellectual. O menino ja aspira a ultrapassar os montes e mares que circumscrevem sua estreita morada; e depois contrahindo-se em si mesmo como a planta, suspira quando volta. Aqui está comeffeito, o que ha no homem de tocante e bello, ésta doble aspiração para o que elle deseja e para aquillo que perdeu: é ella que o preserva do perigo de se aferrar de um modo exclusivo ao presente. E d'esta sorte, a união benevola e fraternal da especie inteira, enraizada nas profundidades da natureza, governada ao mesmo tempo pelos seus mais sublimes instinctos, torna-se uma das grandes ideas que presidem á historia da humanidade. » [11]

Seja permittido a um irmão rematar com éstas palavras, que tiram a sua belleza da profundeza dos sentimentos, a descripção geral dos phenomenos da natureza no seio do universo. Desde as longiquas nebulosas, e desde as estrellas que circulam nos ceustemos descido até aos mais pequenos corpos organizados do reino animal no mar e na terra, até as delicadas sementes das plantas que tapizam aspenedias escalvadas no pendor dos montes cobertos de gêlo....

....

OBRAS-PUBLICAS.

(DESCUBERTA IMPORTANTE.)

617 Economizar a construcção dos carris-de-ferro, e tornar ao mesmo tempo productivas todas as horas de trabalho do operario, não obstante a intemperie das estações, é um duplicado problema cuja resolução merece elogios.

Esta resolução acaba de ser feita em França, por meio d'um mecanismo sôbre os trabalhos dos aterros e desaterros. Creio que devo dar conta d'uma descuberta tam util aos progressos da mão-d'obra.

Ésta invenção é muito ingenhosa. Todos sabem quanto é difficil o trabalho dos aterros e desaterros. O auctor da descuberta, M. Journet, teve em vista não so o melhor serviço d'este trabalho, mas tambem a segurança, commodo e aproveitamento dos esforços dos operarios.

Tirar grandes quantidades de terra d'um terreno inferior, para as conduzir a distancia mais ou menos longa em terreno superior; fazer este trabalho com todo o tempo, e ganhar d'este modo um terço ou mais d'um anno de trabalho, taes são os resultados da machina Journet.

Os desaterros dividem-se em tres partes distinctas: 1.° o systema de excavação, cortaduras e fossos; 2.° os wagonetes ou meios de transporte do intulho; 3.° uma estrada provisoria para ida e volta dos wagonetes. A base d'operação, em materia de desaterros, é o proprio systema ou formação das cortaduras necessarias á quantidade d'intulho que ha a tirar e conduzir d'um ponto a outro.

M. Journet começa por estabelecer no terreno o calculo dos córtes que tem a fazer para chegar ao chão que ha a formar. Tendo estabelecido uma grade no terreno superior, faz excavar na terra, com um angulo de 45 graus, uma cortadura que desce em plano inclinado até ao ponto da base inferior; e ésta cortadura é sufficientemente larga para conter um apparelho da fórma seguinte:

Duas rodas collocadas nos pontos extremos da cortadura são destinadas a fazer mover uma cadea que lhes é inrolada, por meio d'um motor estabelecido no terreno superior. Ésta cadea cuja construcção, devida ao mesmo Journet, lhe permitte dilatar-se ou contrahir-se conforme é necessario, está armada de colchetes, que pegam nos carrinhos a que se dá o nome de wagonetes. Dois homens agarram no wagonete depois de cheio, e o conduzem impurrando-o para diante. Para o despejar, basta puxar uma corda prêsa a uma barra de ferro articulada que, sôlta do fecho que a prendia, deixa abrir o fundo do wagonete, e o intulho cahe pela abertura.

Emfim faz-se um caminho de taboas bem junctas mas de facil construcção, para facilidade do transporte.

Por último, ha um systema de barracas moveis em toda a superficie do terreno em que se trabalha, para abrigar os trabalhadores em todas as estações.

A invenção de Journet foi adoptada nas fortificações de Paris e os seus resultados excederam a vantagem que d'elles se esperava.

NOVO PROCESSO DE CORTUME DOS COIROS.

618 O cortume é a conversão da pelle em tannato de gelatina; quanto mais intima for a união da gelatina com o acido tannico mais perfeita será ésta operação; mas como não ha remedio senão empregar a cal para fazer cahir o cabello das pelles, e a cal tende a unir-se ao acido tannico, o cortume appresenta difficuldades que occasionam lentidão e despeza. Mr. Turnbull, tendo observado que o assucar tem a proprie-

(11) G. Humboldt, *Sôbre a lingua kawi*, t. III, diz o seguinte: » As impetuosas conquistas de Alexandre, as dos romanos, tam selvagens e crueis, as despoticas reuniões dos territorios dos Incas, teem contribuido em ambos os mundos, para fazer cessar o isolamento dos povos e formar mais vastas sociedades. Almas grandes e fortes, nações inteiras, marcharam sob o imperio de uma idea, que, em sua pureza moral, lhes era completamente extranha. Foi o christianismo que primeiro a proclamou... Os tempos modernos teem dado nova vasão á idea de civilização, e teem suscitado a necessidade de dilatar cada vez mais as relações dos povos uns com outros, e os bons resultados da cultura moral e intellectual. A mesma cubiça começa a conhecer que ha mais que ganhar segundo ésta via do progresso, do que sustentando por fôrça um isolamento retrogrado. A lingua, mais que outra nenhuma faculdade do homem, fórma o feixe da especie humana toda inteira. Parece á primeira vista que os povos estão separados como os ediomas; mas a mesma necessidade de nos intendermos reciprocamente n'uma lingua extrangeira é que aproxima as individualidades, deixando-lhes todavia a sua originalidade peculiar. »

dade de fazer tornar a cal soluvel, lembrou-se de fazer passar as pelles embebidas de cal, por uma solução concentrada de assucar, antes de as submetter á acção do tannino. Depois faz passar o tannino atravez do tecido das pelles por o endosmoso e exosmoso.

As vantagens d'este processo são éstas: 1.° augmento d'um quinto no pêso do coiro e melhor qualidade d'elle por ficar neutralizado o effeito da cal; 2.° grandissima economia de tempo, e muito consideravel diminuição de despeza. O cortume d'uma pelle de boi que dura actualmente 18 mezes, faz-se d'este modo em 14 dias; e assim as outras!

BARCO SUBMARINO.

619 Acaba de se construir em França um barco submarino de nova invenção. A fórma d'este barco é muito singular: é todo de folha de ferro e parece-se muito com um casco de navio visto de costado; é redondo, oco, e fechado por todos os lados. D'espaço a espaço tem clara-boias para se podêr ver no interior. O seu diametro na parte mais bojuda é de dois metros, e tem cinco de comprimento. No interior ha uma poderosa machina, cujo motor é desconhecido, e atraz no logar do leme ha uma helice.

Este barco ia ser experimentado em Porto-real. Haverá cuidado de informar os leitores do mais que a tal respeito me chegue á noticia.

INFLUENCIA DAS FRUIÇÕES MATERIAES SOBRE A MORALIDADE DO POVO.

(*Conclusão.*)

VIII.

620 Se alçando-nos a considerações d'outra natureza, tentâmos avaliar o ascendente que o pensamento, presente sempre, do bem estar material, exercerá sôbre as ideas religiosas, parece-nos que elle não deve ser muito favoravel ao seu desinvolvimento.

Justifiquemos as nossas dúvidas a este respeito.

Ha uma nação, em cujo seio foi plantado o culto fanatico do bem-estar, que tem immensa parte nas fruições terrestres. A crença d'esta nação é quasi toda d'este mundo; a vida futura acha-se posta por ella no segundo plano, e ainda mui raro lhe lançará os olhos porque os terá fictos constantemente n'um escopo actual e proximo; em quanto que nas sociedades onde a riqueza não era senão excepção, onde a ventura obtida pelas commodidades era apenas participada por pequeno numero, a ausencia d'estes bens, desanimando os homens, era bem propria a fazer-lhes uma necessidade da crença de uma recompensa merecida; passada uma existencia de privações e amarguras consolava-os a esperança de uma remuneração de padecimentos supportados com paciencia.

As sociedades collocadas sob a nova constituição social serão essencialmente previdentes. Nada de grandes transtornos capazes d'alterar o seu socego; a ordem que era apenas uma qualidade, será uma virtude. E será o penhor de segurança indispensavel a cada homem.

Á proporção que o bem-estar se generalizar, as relações da famillia se modificarão; as ideas de previdencia dominarão ainda mais, porque a previdencia se augmenta na razão dos commodos que se disfructam. As uniões dos dois sexos se farão com mais reserva; o cuidado d'educar os filhos fará com que se exijam garantias. O casamento deixará de ser uma sorte de promiscuidade entre as classes que vivem de salarios.

Este calculo, que não provirá senão da prudencia dos homens, cujo trabalho manual é quasi o unico patrimonio, terá effeitos menos louvaveis entre as classes elevadas. Entre éstas, a exageração do sentimento da previdencia influirá para o celibato; o egoismo o animará; e o egoismo, não o devemos desconhecer, augmenta sempre nas mesmas proporções que o bem-estar material.

Os revezes da fortuna, essas subitas transformações que fazem passar de uma situação feliz para a pobreza, foram em todos os tempos aballos dolorosos; mas hão de parecer ainda infinitamente mais penosos aos membros de uma sociedade costumada a fortunas regulares e quasi obrigatorias. Competirá ao legislador prevenir sinistras resoluções.

O amor do trabalho, dissemos nós que nos parecia uma das feições characteristicas dos individuos collocados nas condições que temos estudado. Mas este trabalho nem para todos será uma occupação lenta, methodica, cujas vantagens senão realizam senão no fim de certo tempo; mas um trabalho cheio de impaciencia de alcançar o seu fim, muitas vezes até com violencia demais.

As classes populares poderão até certo ponto ficar ao abrigo de similhante perigo. Ja estão fundadas pelo estado instituições destinadas a auxiliar os seus desejos d'economia. E o Estado não so deverá sustentar a todo o custo éstas instituições, se porventura quizer manter a ordem e dar-lhe por garantia os bons costumes, mas uma justa sollicitude lhe imporá tambem a obrigação de crear outras analogas, que, estimulando cada vez mais as ideas de previdencia entre as classes operarias, tenham tambem em resultado poupar-lhes recursos, dar-lhes lenitivo em sua velhice.

A questão dos salarios n'uma sociedade movida pelo gôsto das fruições materiaes adquirirá, bem se deixa ver, extrema gravidade; e ésta questão se complicará cada dia mais por effeito de uma concorrencia illimitada.

No meio d'esta lucta inexoravel, o fabricante hade occupar-se sem descanço do preço do custo; e, sob pena de succumbir, hade esforçar-se pela maior restricção, coisa essencial de considerar. Não basta pois que os aperfeiçoamentos introduzidos, e o emprego das machinas tenham ja diminuido tanto a parte do trabalho do homem nas manufacturas, é preciso ainda que o fabricante, afim de alcançar o último grau de barateza, exerça novas reducções nos jornaes.

Se a indigencia porém, não é nunca supportada com paciencia pelos jornaleiros das fabricas, ainda menos o virá a ser mesmo para aquelles que a supportam sempre; porque a sociedade pressente o espectaculo das riquezas, ou, pelo menos o das commodidades geraes.

D'aqui resultará a necessidade absoluta para os govêrnos de procurarem os meios de enfraquecer o contraste, que não tardará a manifestar-se de um modo perigoso, entre a situação dos proletarios e a das outras classes. Como primeiro remedio offerecem-se os grandes trabalhos públicos, que deverão ser emprehen

didos, não so por motivo da sua utilidade, mas sôbre tudo com o pensamento governamental, a intenção salutar de assegurar sem interrupção um trabalho sufficiente retribuido áquelles que não acham nem no exercicio de uma profissão, nem na posse de uma fracção de terra, os meios da sua existencia.

D'esta necessidade que acabâmos de mencionar resultarão encargos assaz onerosos para os que possuirem: nunca é sem compensação que a sociedade dá grandes beneficios. A prudencia aconselhará que se acceitem estes encargos: as esmollas não podem bastar; a generosidade terá representado o seu papel, virá irrevogavelmente o da justiça.

Se, para rematar ésta conta historica dos factos numerosos e graves que derivam da tendencia irresistivel e universal dos povos modernos para as fruições materiaes, indagarmos qual será, na occasião de uma realização perpetua, o aspecto geral da sociedade, descreveremos uma situação sem similhança com nenhuma das civilizações passadas.

A Grecia, o imperio romano, a Italia na meia-edade, os Estados europeus, depois da renascença, viram augmentar o seu podêr por meio de causas sem analogia com a que presentemente trabalha sôbre a sociedade para a transformar. Elles deveram a sua gloria e a sua longa existencia ou ao espirito de conquista, ou ao genio da sua legislação, ou aos seus principios religiosos; e se o commercio lhes foi conhecido, se foi para alguns d'aquelles Estados um energico motor, um elemento de conservação e vitalidade, elles nunca pensaram todavia em o levantar á altura d'um podêr civilizador, ao nivel de uma fôrça moral, apar de um pensamento. Dirigiram-n'o, é verdade; mas não o seguiram: n'essas diversas civilizações o trabalho foi sempre vassallo, nunca foi rei.

E a realeza é que lhe está promettida entre nós os modernos pelo facto d'esta immensa aspiração ás fruições materiaes.

Barão de Chaillon des Barres.

—

A memoria que se acaba de ler, transcripta em quatro n.os da Revista, foi como ja se disse n'uma nota, apresentada ao concurso do premio de 1,500 francos proposto, sôbre a questão que lhe serve de titulo, pela academia das sciencias moraes e politicas para 1845. De quinze memorias que foram apresentadas, tres não foram recebidas por serem entregues depois do dia fatal, e das outras dôze nenhuma foi julgada digna do premio: a academia renovou o mesmo concurso para o corrente anno de 1846.

Eu, comeffeito, não publiquei ésta memoria porque acredite que ella satisfaça completamente á questão. Ao contrario, parece-me pouco desinvolvida nos pontos capitaes d'ella, muito recheiada de rasgos de imaginação e pouco de factos, e que deixa muito a desejar no ponto principal sôbre que toca apenas de leve. Mas, pareceu-me tam importante ésta questão, e que o estudo d'ella póde ser tam fecundo e util em resultados, de uma profunda observação social, que julguei dever traduzir ésta memoria que a tractava, por inteiro, embora ella não satisfaça, para incentivo e conhecimento de um grave assumpto.

Reconhece-se, note-se isso ou não, geralmente, que todos os homens desejam e trabalham por adquirir as fruições materiaes; é isto como uma lei geral da humanidade, commum a todos os povos e a todas as classes. Foi sempre assim. O que hoje porém se torna digno da observação e do estudo, é o ardor com que mais que nunca se procuram hoje essas fruições, a tendencia de todas as intelligencias a se occuparem exclusivamente d'ellas, a conformidade em todos os govêrnos de as fazer alvo de todos os seus projectos. Parece que o homem nada mais quer, nada mais lhe importa, nada mais conhece, para nada mais trabalha, do que para a sua commodidade, para o seu bem-estar material. Avaliar as consequencias d'este sentimento universal, o seu desinvolvimento, as paixões que elle traz comsigo ou suscita, a sua influencia, emfim, sôbre os costumes; é realmente um digno estudo moral.

A Revista portanto não devia deixar de indigitar uma questão de moralidade publica tam importante em si mesma, e que como se ve, vai attrahindo a attenção dos corpos scientificos e dos socialistas da nação mais avançada nos progressos intellectuaes.

PARTE LITTERARIA.

DO PARIATO. (*)

621 Tenho feito longamente, mui de proposito, o inventario dos haveres e posses dos nossos altos privilegiados, para agora passar a mostrar que apezar de todo o seu vulto, essas posses e haveres não lhes deram nunca fôrça para competir de auctoridade com a coroa. Ésta questão parece-me até perimida de todo, desde o instante em que se pensa na significação da palavra *donatario*. Ésta palavra não significa mais senão o subjeito que recebe um dom, uma dadiva; e se elle, á sombra d'essa graça, se faz potente para com inferiores, não se póde nunca escrever que elle é *passivo* da mercê que recebeu do doador, que lha deu, motu proprio á sua vontade, no que ha beneficencia simplesmente, não ha um contracto explicito ou mesmo tacito entre partes, nem ha uma parceria, para se dar o caso do *par*, pares, pariato — do agraciado, do *donatario*, podêr hombrear com o doador, com o rei, que é seu soberano.

Não antecipemos porem sôbre os textos. Aqui está um d'elles, que é de Cabedo. Este publicista não trepa paredes, mas é simples e claro e não é pedante.

(*) Continuado de pag. 536, vol. V.

Publicaram-se as suas obras em Lisboa em 1602, e em Anvers em 1684 e em 1699. Diz este A. (dec. 6): 'Em quanto não eram confirmadas as doações, as jurisdicções eram concedidas de anno para anno, ou dois annos aos donatarios.' E na dec. 40 continúa: 'o rei sempre conserva *supremam superioritatem*. Os vassallos do donatario são tidos principalmente a ajudar o rei até contra o seu proprio immediato senhor. O alcaide sempre está obrigado a receber o rei não so no castello que é real, mas tambem em qualquer outro de qualquer nobre que seja. Não vale pacto com subdito, pelo qual o rei não possa entrar no castello senão com número certo de gente d'armas. As prorogativas reaes ficam sempre supereminentes. O donatario do principe não está exempto da lei, posto que o principe ò esteja. A suprema jurisdicção e regia potestade do principe, ainda que elle queira demitti-la de si, não póde, nem transferi-la em outrem. Doação de principe feita com plenitude de direitos e jurisdicção, abstrahida toda a reserva, é invalida. O principe não póde alienar os castellos, sem reservar o dominio directo. Póde fazer citações nas terras dos donatarios. O direito de appellação pertence-lhe.'

Em apoio d'estas doutrinas temos o A. da Mem. da Acad. sôbre o direito de correição inserta no tom. 2.°, o qual assigna-la no § 24 da mesma, as successivas confirmações dos monarchas para a manutenção das doações nas mãos dos donatarios. É por este motivo mui trivial a occorrencia dos titulos dados em vida, ou vidas, e não de herdade. E é tambem por isto mesmo que os officios foram considerados vitalicios. (Antunes, Portugal, L. 2. C. 13.) Em harmonia com todas éstas regras está ainda a pragmatica dos donatarios da coroa não podêrem casar sem licença de S. M. (Peg. ad Ord. V. 4. § 107.)

Tão pouco uma vez apresentado o officio tinha o donatario auctoridade para apresentar n'elle de novo, salva a morte. (Synop. Chro. Fig. V. 3. p. 249, a. d. 1589.) As doações soffreram revogação todas as vezes que o intendiam los monarchas. Assim aconteceu com D. Diniz a todas as que eram inofficiosas. (F. Brandão L. 16. C. 34, p 87 v.) E da mesma fórma obrou seu filho D. Affonso IV que continuou a coarctar n'ellas. (Alcob. Illustr.) Ás proprias rainhas se annullaram as jurisdicções da devassa por so competirem ao principe. (Peg. ad Ord. V. 3.° C. unico.) Este mesmo A. (na cit. obra), diz que os ouvidores dos donatarios não pódem admittir acção nova. (V. 4.° § 558.) O Visconde de Santarem nas suas côrtes, 1827, (p. 1.ª) tambem nos informa que nenhum donatario teria ouvidor na relação (an. 1473). Igualmente que os juizes ordinarios dos donatarios fossem eleitos nos concelhos etc. D. João II n'este mesmo sentido, apurou e limitou muito os privilegios. (H. Geneal. L. 9.)

Ja nas côrtes de 1472—3, (C. 5.°) os fidalgos pedem para serem vereadores, e este seu requerimento, é-lhes indefferido; (C. 31.° ibi), queixam se de se fazerem muitas côrtes a que elles não foram chamados, e elrei desculpa-se; (C. 27.°) diligenceiam livrar-se da jurisdicção dos corregedores d'elrei, e elle manda que não haja nenhuma mais de particulares, salvo a do condestavel, e do almirante, e dos contadores. A Ord. de D. Affonso V, vinda anteriormente, faz ja reserva nas doações. (L. 2, t. 40, art. 2.) E D. Diniz seu sexto avô, devassou sem muitas transigencias, não menos os abusos que haviam nas *honras*. (F. Brandão, L 16. C. 69.) O mesmo fez, ás *behetrias*. (Synop. Chro. Vol. 3.°)

Não é em um quarto d'hora, nem em um quarto de papel, que se pódem explicar ou conjecturar, os seculos do passado. Todos intendiamos e eu entre os mais, que o uso em contumelia da palavra em inglez, *foreigner*, dataria de uma epocha moderna, em que ja não houvesse distincção de entre saxonio, e normando. Eu hoje estou porem persuadido do contrario, e que o approbrio que se quer com ella irrogar, vem desde a invasão, e que sendo iterada pelos saxonios aos normandos como extrangeiros, continuou-se-lhe a reminiscencia depois para todos os que como elles, vão de fóra á Inglaterra.

Na casa real de Portugal vieram casar as rainhas D. Dulce 1175, D. Isabel 1282, D. Leonor 1428, todas tres aragonezas, e D. Philippa 1387, que era ingleza. Ora nas nações d'onde eram naturaes, imperava no tempo em que de la vieram, o systema feudal em todo o seu furor, por isso, eu nenhuma duvida ponho em que de caminho na sua comitiva viessem muitas das idéas feudaes que dominavam nos paizes d'onde essas personagens eram oriundas. As communicações eram é certo, raras. Andava-se sempre armado. Entre as pessoas reaes mesmo, eram precisos salvo-conductos. (Hist. Geneal. liv. 1 e tit. 3.) Mas todas estas prevenções não obstam á transmissão, ainda que lenta, na nossa especie dos costumes de um povo para o outro. Quando mal se pensa, não é so presentemente que se acha a adopção em Portugal, do que é do extrangeiro, tambem em tempos antigos se vê a mesma imitação. Quem havia de dizer, por exemplo, que a *ucharia* d'hoje que serve de dispensa para a cosinha da casa real, foi o thesoiro antigo real portuguez e era o *exchequer* d'então e actual d'Inglaterra? Parece-me que poucos o diriam, entretanto não admitte disputa a identidade.

Convenceu-me da synonimia dos termos a dissert. 7.ª (parte 2.ª tit. 3.) de J. P. Ribeiro '.... mea cancellaria de omnibus que receperunt et expenderunt in mea *Eycharia* tam de dinariis...' etc. (Doc. n.° 31). Antes de ter reparado n'esta coincidencia, tinha eu visto referido como contraste celebre da alimentação da idade media, para o seculo XIX, a encommenda de 100 pedaços de baleia e duas tonninhas para a quaresma, carregados em despeza a H. d'Inglaterra, anno 1246. Suppuz eu que so aquelle frigido clima supportaria uma tal comida, mas pelo doc. que tenho citado supra, vejo que me tinha enganado, por que desde 1295 a 1308, foram recebidos na *Eycharia* portugueza 2,658 talios (postas) de baléa, isto é, o dobro do que se tinha recebido em Inglaterra por anno, e que naturalmente hade ter tido o mesmo destino, porque a illuminação de azeite de peixe para as cidades, era coisa em que se não sonhava n'aquelles tempos. Depois de ter lido aquella dissertação o acaso fez que folheando um dos *ineditos* (o 4.°) visse que era comida usual, a balea, n'aquelles seculos, porque nos fóros de Torres Novas, la vem nos *costumes* (outro palavra applicada dos inglezes no sentido de direitos) mencionada em duas partes, até com a distincção de *negra*, para uma das suas especies.

Não se acaba nunca em se querendo pôr em justa

posição o quadro synchronico das nações. Elrei D. Diniz prohibiu as corporações de mão morta de adquirir. N'esse mesmo tempo se fazia outro tanto em Inglaterra como se pode ler no Dr. Lingard (vol. 2, anno 1280.)

Por estas razões todas e as mais que cada um poderá supprir, não deve admirar que a Ord. aff (liv. 4 tit. 12 n.° 1) falle em bens *feudaes*. A estada do conde do Bolonha em terras d'esse regimen, as relações de parentesco que D. João I veiu a ter com a casa real d'Inglaterra, quando fervia a guerra das rosas, admittem essa prenoção: mas d'ahi a que se estabelecesse em principio a independencia da nossa nobreza, vai tudo, e nem escriptor algum ha portuguez tolerando essa lembrança. Póde-se ver no *elucidario* a palavra *cutélo*, as restricções que tinha o seu uso nas mãos dos particulares. O arcebispado de Braga, que foi uma das cathegorias mais privilegiadas que tivemos ca, compondo-se D. João I com D. M. A. Pires, elrei deixou-lhe muitas temporalidades mui abusivas, mas de jurisdicção, pouco. D. Affonso V concedendo e alargando n'esses abusos, em quanto á alçada tambem lha não deu.

É por ésta causa que descrevendo a Hist. Geneal. (liv. 6) as prerogativas, que não tivera nunca em Hispanha outra alguma casa fóra da de Bragança, requerendo em 1623 D. João II depois o restaurador, sóga e cutélo para o logar onde assistisse, lhe foi indeferido e seu requerimento. Ésta casa veiu mui pouco tempo depois ao throno, e não obstante, D. Fernando o degolado, morreu pobre, e outro tanto succedeu ao duque D. Thedosio, sendo em geral mui mesquinhos os apanagios que o ducado fazia aos parentes lateraes de linha recta. (T. 4 liv. 6 test. D. Theo. 1568).

Eu disse ja que nas conquistas tinham havido doações com a natureza de *feudos* Sobre éstas mesmas houve tantos resulos que devolvendo-se por herança a de Pernambuco em que foram os Calvacantes, Olandas, e Mouras, ao conde de Vimioso, não lh'a entregaram apesar de uma sentença. (Peg. T. 10 p. 508). Quando se fez a graça e mercê da ilha da Madeira ao infante D. Henrique [a. d. 1433] diz Peg. [T. 12 p. 47] que bens d'estes não eram feudaes, nem as terras comprehendidas n'elles havidas por feudos. Ás proprias subdoações resistia a corea constantemente, porque querendo o duque D. Fernando III doar a terra de Ferreiros a G. V. Pinto, foi tida por nulla ésta doação. [T. 11, c. 201.] O poder, continua o mesmo praxista, e a jurisdicção, que na republica está no povo, esse mesmo povo, consenso expresso ou tacito, a principio por eleição, mais tarde por successão, o devolveu nos reis [t. 12 p. 108) deixando de fóra a *angaria e parangaria* e ordenações municipaes [id. p. 117]. O jus armorum, jus auctoritatis cudendi monetam, eram so direitos reaes [tom. 9.] O dominio do castellão é subalterno á suprema magestade e d'ella se deve reconhecer o vassallo. E o rei tem prejuizo na tradição da castellania que permitte ao alcaide mór fazer preito ao arcebispo, e fica portanto sempre subdito immediato do rei contra o juramento e homenagem que fizera (T. 11. p. 16.)

Era prohibida a factura de casas fortes, porque Mem Rodrigues Vasconcelles para construir uma em Guimarães foi preciso licença de el-rei em 1311. (F. Brandão L. 19, c. 27.) A responsabilidade que pesava sôbre um castellão pelo castello que lhe era entregue da parte da realeza, está mui celebremente provado na Hist. Ecc. Lisboa, D. Rod. (p. 2.ª c. 70.)

Martin Vasques da Camara por sobrenome o *séco* tinha o castello de Celorico de Basto da rainha D. Brites e queria-lho entregar, e ella mandava-lho entregar a D. Diniz, o qual o não queria receber. Teve então de ir Martim Vasques á Allemanha, á Lombardia, e á Inglaterra, e á Africa, e a Navarra, e á Galiza e a Aragão, e a Castella e a Leão, e perguntou a todos os reis e a todos os principes etc. e todos lhe disseram e aconselharam: que entrasse no castello e mettesse um galo e galinha, gato, cão, sal, vinagre, azeite, farinha, pão, vinho, agua, carne, pescado, ferraduras, cravos, béstas, setas, ferro, fogo, baraço, lenha, mós, alhos, cebolas, escudo, lança, cutelo ou espada, capello ou capelinho, carvão, folles de ferreiro, fuzil, isca, pederneira, e pedras por cima do muro, e que fizesse fogo em uma das casas etc. etc. A propria igreja, assim como a nobreza, soffria rigores nas suas temporalidades que nada menores eram que as de todos os mais. D. Pedro Salvador 25.° bispo do Porto foi a Roma queixar-se de D. Sancho Capello porque usurpava a jurisdicção da igreja do Porto obrigando os vassallos d'ella a ir á guerra, e a elle tambem quando era contra os moiros, tirando-lhe a jurisdicção em tudo o que não era matrimonios, baptismos, simonias e usuras. (D. R. da Camara, Cat. B. Porto, 2. p. c. 10.)

As ordens tinham muita riqueza. Toda ella porém estava ao nuto do soberano, porque ellas todas foram unidas á coróa in perpetuum em 1551, e unidas por bulla de Julio 3.° com os mesmos poderes que tinham os mestres quando eram eleitos canonicamente. Inf. em Dir. Ord. Mil. San'Thiago e San'Bento de Aviz. (Mem. in fine fol. 1. v.) Ninguem, máu grado a sua superstição, circumstancia digna de se considerar para o nosso caso, foi mais desabrido e rapace para a igreja do que o Cardeal rei. (Ibid. f. 3. 1. Allegação).

A este Cardeal rei, ainda em Cabedo dec. 55. (p. 83.) podemos nós vêr em conflicto com o Arcebispo de Braga, quando este não queria dar appelação a uma mulher, a quem um irmão della, familiar do arcebispo, desapossava de sua casa. Isto era em 1517.

Mello Freire que mais de uma vez imagina nas suas instituições, ou aquillo que deseja, ou aquillo que a necessidade politica dos tempos lhe impunha, tractando de jury rerum (L. 3. tit. 2. §. 4.) diz, feuda nulla habemus. E no L. 4. que tracta das obrigações e acções (t. 23 §. 10.) fallando dos ouvidores dos donatarios cita a Ord. (L. 3, t. 71 §. 2.) para nos dizer que a justiça maior é do rei. Trago todas estas auctoridades para que no meio do dedalo politico que todas as constituições offerecem pelo decurso de seculos, possamos achar um fio, que possa conduzir, na nossa, a achar a antiga indole da nossa monarchia, e cada um poder resolver, se a instituição do pariato vem de seu, e é natural no novo contracto social portuguez, que temos composto de materiaes pela maior parte achados no extrangeiro, e outros que esquecemos, mas que ja tinhamos, antes de lá os trazermos agora, mas remoçados, ex. gr., como foi o *jurado*.

(Continúa.) *C. A. da Costa,*

BIBLIOGRAPHIA.

BREVE TRACTADO DO BORDADO-A-MATIZ, E PETIT-POINT — por *Marianno Vicente de Bastos Teixeira*. Lisboa, 1845.

622 Este opusculo, dedicado ás Senhoras, é digno de uma voz publica de agradecimento: lisongearam-me, convidando-me para erguer essa voz. Tardia se faz ella ouvir, como echo de coração, onde esvoaçou, palpitante e ousada, a poesia artistica, a poesia da agulha, que sorri desdenhosa para a palheta de Apelles.

Compulsando o livrinho do Sr. Bastos, apreciei n'elle o pleno conhecimento dos objectos de que tracta; nenhuma observação theorica, nenhum termo technico, escapou á sua prespicacia: é um volume resummidissimo no seu contexto, mas avultado em interesse historico e artistico.

Sería para desejar que o habil professor designasse um termo nacional para o bordado, a que chamam de — *petit-point*. No meu collegio, foi elle excluido, substituindo-se-lhe o de — tapeçaria.

Não ousarei indicar ás Sr.as professoras de ensino feminil, o que ellas, melhor do que eu, sabem avaliar: mas aos pais, e mãis de familias, cujas filhas cultivam a arte de bordar, recommendo este tractado, como uma acquisição indispensavel, para conservar instrucções práticas, e oraes, que alias se perdem com o tempo.

O Sr. Bastos fez um bom serviço ás meninas, suas comtemporaneas, que por certo hão de compensar-lh'o com generoso acolhimento.

A professora de instrucção primaria
Maria J. S. C.

Rua do Oiro n.º 41 — 2.º andar.

—

Vende-se este folheto em Lisboa na typographia da *Gazeta dos Tribunaes*, rua dos Fanqueiros n.º 82; na loja de papel de Verissimos Amigos, rua do Loreto n.º 78; e em casa de seu auctor, rua da Saudade n.º 6, 2.º andar, e no Porto e em casa de Francisco José Coutinho, na typographia commercial portuense onde se encontrarão todos os utensilios necessarios; encarregando-se de preparar os desenhos, e de os riscar sôbre os estofos embastecidos. — Preço 400 réis.

POESIA.

623 *Sr. Redactor.* — Cumpro o que promettêra a V., remettendo-lhe mais ésta poesia: é uma traducção. Como V. muito bem sabe, as traducções são mais difficeis do que os trabalhos originaes; e a difficuldade cresce com a dissimilhança na structura e indole das linguas. É por ésta razão que me attrevo a dizer que uma bôa traducção nossa do francez, so com muito trabalho, e conhecimento das duas linguas se obtem; resultando, de se querer traduzir a torto e a direito d'aquella lingua, um mal gravissimo: a perda da elegancia da nossa, tam harmoniosa, que não so anda infectada de gallicismos indisculpaveis, como *remarcavel*, e outros; mas o que é peior, porque até sem querer se cahe n'elles; de gallicismos de synthaxe, de phrase. Sôbre este mal é forçoso que os homens sabios do paiz pensem, para accudir-lhe de prompto com remedios efficazes.

Mas nem pelo que deixo dito se infira que eu reprovo as traducções em geral, nem as do francez; e muito menos ainda, que por lhe offerecer ésta, a julgue modêlo, e que me repute nas circumstancias de bem traduzir: podem-se notar os defeitos de uma pintura, sem que se saiba emendal-os, ou sem se deixar de cahir nos mesmos, ou ainda peiores defeitos.

Trazer de um idioma diverso para outro ideas bôas, pensamentos bons, bellezas d'arte, etc.; é, foi, e será sempre um grande serviço feito ás lettras; porem no modo é que está a questão. São essas ideas, esses pensamentos, e essas bellezas, que se devem colher de uma parte para transplantar n'outra parte, mas nem sempre as palavras com que estavam expressas: devem-se buscar nas correspondentes as mais appropriadas, mas nunca a sua collocação deve ser contraria á synthaxe e structura da lingua em que se escreve. As periphrases agradam em geral muito mais do que as traducções litteraes; e é isto devido, quanto a mim, a que, pela maior liberdade do traductor, elle se affasta da structura da lingua extranha, e se approxima da da propria: e tanto mais agrada uma coisa quanto mais original ella é. Não que as traducções litteraes não sejam de muito, e até talvez de maior merecimento, attenta a sua difficuldade; e quem traduzisse como Dellile, e, melhor que todos, como Bocage, não careceria de mais titulos para a sua gloria; mas ha poucos Bocages: traduzir bem versos é para poucos.

E pouco me tenho eu dado a isto, porque me conheço, e ja vou sabendo avaliar as difficuldades que ha a vencer; abalancei-me, todavia, a offerecer para as columnas da REVISTA ésta pequena traducção de uma das mais bellas, senão a mais bella canção de Béranger; pelo desejo de a fazer conhecida entre nós. Diga-se o que se quizer contra o poeta da Revolução, nem tudo o que elle escreveu se deve ler; convenho: porem ninguem lhe póde negar a gloria de ser o melhor interprete da sua epocha, o mais grato á França, e o que melhor soube, cantando, representar os costumes e o genio da sua patria. Diz Mr. de Chateaubriand que ninguem póde ambicionar mais gloria do que a que teve Béranger, ouvindo continuamente repetir ao povo, aos seus compatriotas, as suas canções: a sua poesia era a da França, por isso os francezes a decoraram; ja não póde morrer!

Transcrevo com a minha traducção a poesia original, para ser melhor avaliada pelos leitores: inda mal, não lhes posso eu apresentar no meu trabalho nem as bellezas do auctor, nem as d'aquella elegante traducção do canto do cossaco do Sr. A. Herculano; o que todavia creio que possue ésta é exactidão nas ideas, ainda que não seja rigorosamente uma traducção litteral.

Lisboa 15 de maio de 1846. *José Osorio*

—

CANÇÃO

A BOA VELHA.

Tu chegarás a envelhecer um dia;
E eu não hei de existir, oh cara amante.
Contar procura mais veloz o tempo
O dia para mim, que vai distante.
Sobrevive-me, oh bella; mas que a idade
Fiel te incontre; e alheia a ingratidões;
E tu, ao canto de teu lar tranquillo,
Repete, oh boa velha, éstas canções.

CHANSON

LA BONNE VIEILLE.

Vous vieillirez, ô ma belle maîtresse;
Vous vieillirez, et je ne serai plus.
Pour moi le temps semble, dans sa vitesse,
Compter deux fois les jours que j'ai perdus.
Survivez-moi; mais que l'âge pénible
Vous trouve encor fidèle à mes leçons;
Et bonne vieille, au coin d'un feu paisible,
De votre ami répétez les chansons.

Quando a buscarem sob as rugas forem
Essas feições, que o peito me hão tocado;
A mocidade ha de dizer, curiosa:
Quem foi, quem foi o amante assim chorado?
Do meu amor, se pódes, pinta o fogo,
A dôce embriaguez, e as afflicções;
E tu, ao canto de teu lar tranquillo,
Repete, oh boa velha, éstas canções.

E dir-vos-hão: sabia acaso amar-te?
Tu sem corar dirás: ah! eu o amava.
Capaz mostrou-se de algum crime horrendo?
Virtudes so no coração guardava.
Ah! dize-lhes que o som da alegre cythara
Terno ficava em meio das paixões;
E tu, ao canto de teu lar tranquillo,
Repete, oh boa velha, éstas canções.

Aos filhos dize d'estes novos bravos,
Tu, que a chorar eu ensinei a França,
Que para a patria consolar, afficta,
Cantei a gloria, e ja tambem a esp'rança.
Fal-os lembrar que os nossos louros féros
Seccaram campos, como os furacões:
E tu, ao canto de teu lar tranquillo,
Repete, oh boa velha, éstas canções.

Quando ao diante, o meu renome futil
De teus annos calmar pesadas dores;
E em cada primavera, quando tremula,
Ao meu retrato suspenderes flores;
Attenta, oh bella, no invisivel mundo,
Onde hão-de unir-se os nossos corações;
E tu, ao canto de teu lar tranquillo,
Repete, oh boa velha, éstas canções.

Lisboa — maio de 1846.

José Osorio.

Lorsque les yeux chercheront sous vos rides
Les traits charmans qui m'auront inspiré,
Des doux récits les jeunes gens avides
Diront: Quel fut cet ami tant pleuré?
De mon amour peignez, s'il est possible,
L'ardeur, l'ivresse, et même les supçons;
Et bonne vieille, au coin d'un feu paisible,
De votre ami répétez les chansons.

Ou vous dira: Savait-il être aimable?
Et sans rougir vous direz: Je l'aimais.
D'un trait méchant se montra-t-il capable?
Avec orgueil vous répondrez: Jamais.
Ah! dites bien qu'amoureux et sensible
D'un luth joyeux il attendrit les sons,
Et bonne vieille, au coin d'un feu paisible,
De votre ami répétez les chansons.

Vous, que j'appris à pleurer sur la France,
Dites surtout aux fils des nouveaux preux,
Que j'ai chanté la gloire et l'esperance
Pour consoler mon pays malheurenx.
Rappelez-leur que l'aquilon terrible
De nos lauriers a détruit vingt moissons:
Et bonne vieille, au coin d'un feu paisible,
De votre ami répétez les chansons.

Objet chéri, quand mon renom futile
De vos vieux ans charmera les douleurs;
A mon portrait, quand votre main débile
Chaque printemps suspendra quelques fleurs,
Levez les yeux vers ce mond invisible
Où pour toujour nous nous réunissons;
Et bonne vieille, au coin d'un feu paisible,
De votre ami répétez les chansons.

ROMANCE.

UMA BEMFEITORA.

625 Brilhante sociedade se reunia em casa de M. Montfort, um dos mais afortunados capitalistas de *la Chaussée-d'Antin.* Acabava de dar sette horas, quando um criado de libré ricca veio pronunciar estas palavras tão suaves para os ouvidos d'um gastronomo: «Minha Senhora o jantar está na meza.»

Não descreverei a casa-de-jantar d'um grande capitalista, sanctuario onde se elaboram tantas concepções e projectos, tantas revoluções financeiras e politicas. Não descreverei tambem a magnificencia verdadeiramente real do jantar, que deixaria a perder de vista os do proprio Lucullo. Basta saber-se que Montfort banqueteava n'esse dia, certo diplomata extrangeiro, cuja protecção requestava para conclusão d'um emprestimo, um secretario-geral, que estava em circumstancias de lhe facilitar a adjudicação d'uma grande empresa, e tres deputados do centro, cujo voto podia felicitar a França com um canal para derramar a abundancia e a fertilidade... na burra do insaciavel banqueteador. Esta succinta enumeração dos principaes convidados equivale á descripção do jantar.

Madame Octavia de Montfort radiante de joias, mocidade e belleza, presidia com toda a graça e espirito. Amavel e alegre, replicava com sagacidade ás maliciosas finezas do secretario-geral, e aos cumprimentos do diplomata extrangeiro: todos estavam satisfeitos, os chistes saltavam como as rolhas do Champagne; os deputados do centro estavam turbulentos como um discurso de M. Mauguin; e até o proprio capitalista estava espirituoso.

Tinha-se fallado em tudo, e depois de estarem esgotados todos os assumptos, conversou-se tambem em beneficencia, a proposito d'um baile, philantropico, disfarçado, que devia reunir a gente mais selecta de Paris. Madame Octavia de Montfort era uma das damas directoras d'este grande baile que devia dar-se d'ahi a quinze dias. Diz-se muita coisa séria e absurda a respeito da caridade, sobre os pobres, sôbre a philantropia dançarina, e a beneficencia *a galope*, essa grande invenção dos tempos modernos. Montfort vinham-lhe as lagrimas aos olhos quando fallava das desgraçadas familias que não tinham outro refugio, nem outro amparo, senão a sensibilidade dos riccos. Octavia estava sublime! «Para que servia a opulencia senão era para soccorrer os indigentes?» Entre a segunda coberta e a sobremeza ja ella tinha passado quarenta bilhetes. «Duzentos, queria passar não por vaidade, era um defeito que, graças a Deus, não tinha, mas para soccorrer os infelizes orphãos, a quem chamava seus filhos!— «Ésta minha querida Octavia... pa-

ra ella é um prazer soccorrer a pobreza! Nem conhece outros! «

— «Ora... lisongeiro! Se faço isso é para vosagradar, porque bem sei que não estais satisfeito senão quando fazeis algum beneficio.»

No mesmo instante entrou um criado, e disse a Montfort que alguem desejava fallar-lhe.

— «Agora!» Respondeu elle zangado. «Bem sabes João, que não fallo a ninguem quando estou á meza.»

O criado chegou-se e disse quasi em segredo: «É Didier, Senhor.»

Montfort levantou-se, pediu venia aos convidados, e entrou no seu gabinete.

Um homem baixo todo vestido de preto, cujo rosto tranquillo contrastava com a sua profissão, estava lá á espera do banqueiro. Trazia debaixo do braço um enorme maço de papeis.

«Perdoai-me se venho incommodar-vos, disse M. Didier; mas não me é possivel vir a outra hora, a não ser pela manhan cedo, o que vos incommodaria ainda mais... E como não quereis ninguem de permeio n'esses pequenos negocios de que me tendes encarregado...»

— Vamos ao que importa, M. Didier. —

«Podeis acreditar, M. Montfort, que sahi ésta manhan do meu quarto eram sette horas, e que não pude ainda jantar... Tenho feito hoje quinze penhoras.»

— Mas, por quem sois, dizei o que me quereis: estão á minha espera. Trazeis-me ou não o dinheiro? Serei ou não satisfeito por esses devedores insoluveis!

«Receio muito que não senhor: so se vós usardes dos últimos meios; venda de mobilia, prisão... Mas a vossa sensibilidade...»

— Bem sabeis, M. Didier, que em objectos de negocios não se tracta d'isso... Demais eu não recorri á vossa intervenção senão porque lidava com gente de má fé, e que póde pagar.

«Elles dizem que não.»

— Pelo que vejo não tendes feito nada? Nem mesmo Mme. Remy, uma capellista que me deve quatrocentos francos ha um anno?

«Nada.»

— Em que termos está tudo isto?

«Ja foi julgado, fez-se a penhora, e o leilão é quarta-feira; mas quiz fallar-vos antes de mandar pôr os annuncios.»

— Deve-se-lhe vender tudo.

«Ella pede tres mezes d'espera. Está sem recursos, e fica obrigada a deixar o seu modo de vida. O marido, que tinha um pequeno logar no Banco, morreu da cholera: é so, e com tres filhos pequenos.»

— Ah! ella diz que o marido morreu da cholera? Está bom, eu saberei isso por minha mulher que é do conselho dos orphãos: no emtanto mandai pôr os annuncios.

«Bem.»

— E o Fombreusesinho, esse rapaz que le memorias na Academia das sciencias, abriu afinal os cordões da bolsa?

«Ah! Sr. a bolsa deve estar pouco recheiada a julgar pela mobilia.»

— Pois sim, mas é absolutamente preciso que elle pague os mil francos que deve á herança de meu sogro, o conde de Blergy.

«Mil francos! Sr.! A divida é de mil trezentos e oitenta francos contando os juros e as custas. É impossivel que este pobre homem possa pagar.»

— Comtudo, ha de pagar. Não consinto que zombem assim de mim. Demais a mais M. Frombeuse tem um emprego.

«Tinha um, é verdade, de mil e quinhentos francos n'um collegio de Paris...»

— Que! Pois ja o não tem?!..

«Vós destes-me ordem d'embargar o seu ordenado... Este embargo fez-lhe perder o seu emprego.»

— Então fiquei sem garantia nenhuma? gritou o banqueiro. M. Didier trabalhai este negocio com todo o rigor. Sei que Fombreuse tem recursos: elle tem talento....

«Talento esteril, senhor. É grande geometra; mas isto vale de pouco. O logar que perdeu era o seu principal meio de subsistencia. Dá lições por alguns pensionados, mas tem que sustentar a velha de sua mãi doente e sem abrigo.»

— Pois então, quando ha talentos estereis não se fazem dividas; não se pede imprestado porque se não póde pagar. Quando ha dividas e não se pagam não se procura ser apregoado por jornaes!... Não se leem memorias nas academias!... Miseria e vaidade, são duas coisas detestaveis! M. Didier continuai com ésta acção.

«Ja não falta senão fazer-lhe penhora.»

— Pois faça-se.

«Para lhe metter medo?»

— Nada para vender.

«Toda a sua mobilia não vale mais de duzentos francos!»

— Didier, tenho que fazer. N'este negocio não figuro eu so. Fombreuse é devedor aos herdeiros de meu sogro. Se isto não pertencesse senão a minha mulher, eu faria por ter paciencia; bem me conheceis, não podeis duvidal-o; mas ésta divida pertence tambem a meu cunhado o conde de Blergy, e a minha cunhada mulher do general Maugrand: por consequencia segui a causa.

«Assim se fara.»

— Bem sabeis M. Didier, accrescentou Montort despedindo-se, que não sou nenhum homem falto de compaixão: tenho esperado ja bastante tempo; mas tudo tem seu termo:... além d'isso, aqui entre nós, prometti este dinheiro a minha mulher, para ella dar d'esmola ao asylo da mendicidade, de que é protectora... Até outro dia, M. Didier.

N'este momento começou a ouvir-se a bulha das contradanças; e a melodiosa orchestra de Tolbecque mandava alegres sons ao gabinete do capitalista. Monvfort entrou immediatamente nas suas magnificas salas.

(*Continúa.*) *Haley.*

VARIEDADES.

CORREIO EXTRANGEIRO.

625 Lista dos homens de lettras a quem o govêr inglez dá pensões do thesoiro-publico: — Southey 8,000 fr.; Wordsworth, 8,000 fr.; Mrss. Sommerville 6,000 fr.; James Montgomery, 4,000 fr.; Alfred Tennysson, 5,500 fr.; Lady Shee, 5,500 fr.; a -

viuva de Thomas Hood, 3,000 fr., a viuva de Pond, 5,000 fr.; a viuva d'Airy, 7,000 fr.; Faraday, 7,000 fr.; Tytler, 5,000 fr.; Thomas Moore, 8,000 fr.; Lady Morgan, 8,000 fr.; Georges Bamin, 4,000 fr.: Mrss. Milford, 3,000 fr.; coronel Gurwood, editor da correspondencia de Wellington, 5,000 fr.; M. Eries, 3,000 fr. Total das pensões 96,000 fr.

Em virtude de um decreto do imperador da China, todos os negociantes extrangeiros são auctorizados a commerciar em Cantão.

Segundo documentos officiaes houve em França no anno de 1845 um número extraordinario de suicidios: mataram-se com armas de fogo 871 pessoas; affogaram-se 554; asphyxiaram-se 475, envenenaram-se 270; enforcaram-se 202; lançaram-se abaixo das carruagens e wagons nos caminhos de ferro 7; precipitaram-se de grandes alturas 5; e mataram-se de outras maneiras diversas 300. Entre este número de suicidios houve 535 occasionados por perdas ao jogo, banca-rotas e desastres commerciaes. A maior parte d'estas pessoas empregaram para se matar as armas de fogo. 739 pessoas mataram-se por causa de paixões amorosas; a maior parte d'estas escolheram a asphyxia; um grande número affogaram-se e algumas enforcaram-se. Ignora-se as causas da morte dos outros.

Pode-se ajunctar a estes tristes detalhos que durante o ultimo anno não houve em Paris para menos de 931 pessoas que morressem accidentalmente.

CORREIO NACIONAL.

626 Na cidade do Porto foi estabelecida uma companhia de *Seguros*, denominada 'Douro' cujo fim é segurar as fazendas que forem transportadas pelo rio Douro, facilitando assim ésta via de communicação, que sendo a mais commoda para as provincias de Traz-os-montes e Beira, apresentava comtudo muitos inconvenientes pelos perigosos pontos do mesmo rio.

A exportação de fructa da ilha de San'Miguel, na última estação, foi de cem mil caixas, todas para Inglaterra. Calcula-se que o total da producção subiria a duzentas mil caixas; mas a violencia do inverno fez perder muita fructa.

Ha em Ponta-Delgada (ilha de San'Miguel) tres companhias d'exportação de fructa; mas não obstante diz-se que vai formar-se uma nova companhia para o mesmo fim com o capital de 200:000$000 réis.

Á caixa-filial do Banco-de-Lisboa no Porto affluiu grande quantidade de notas, e diz-se que so n'um dia [27 do passado] chegaria a 300:000$000 rs. o numerario dispendido na troca d'ellas. Ao banco-commercial tambem affluiram notas, mas em menor numero. Ambos estes estabelecimentos corresponderam competamente, sem suscitarem a menor apprehensão de descredito. O último principalmente inspira grandissima confiança.

Falleceu de uma apoplexia o Sr. Visconde de Tilheiras, inspector-geral dos theatros.

S. A. imperial o Gran'Duque Constantino, deixou um conto de réis para ser applicado a beneficios dos estabelecimentos pios d'esta capital. Esta quantia foi mandada pôr á disposição do Emm.º Cardeal Patriarcha, para a mandar distribuir como melhor intender.

No 'Diario-do-Governo' do 1.º do corrente, vem o parecer e analyse da commissão de musica do Conservatorio-real, que regeitou as peças de musica offerecidas ao concurso para a abertura do Theatro-nacional. Aquella analyse toda artistica, é unicamente intelligivel aos homens especiaes.

Por decreto de 29 do passado foi concedida uma moratoria á Companhia-Confiança, a exemplo do que se praticou com o Banco. Se os exemplos colhem para todos, o corpo-do-commercio inteiro terá pretextos para pedir moratorias. A Companhia-Confiança, porém, apresentou o seu *estado* juncto á representação que dirigiu a S. M., circumstancia que faltou na representação do Banco: por este estado se ve que o activo da Companhia se calcula em 8.484:140$438 réis, e o seu passivo em 3.965:160$521 réis. Talvez fosse possivel haver-se aproveitado a occasião para obter da Companhia uma reducção no juro de seis por cento *sôbre o nominal*, que o govêrno lhe paga pelo seu debito.

Falla-se d'algumas fallencias, ou antes suspensão do pagamento de seus encargos, d'algumas casas-commerciaes d'esta cidade... A escassez de numerario na circulação é ainda muito notavel.

Os espectaculos continuam fechados. Parece que, infelizmente, a situação politica do paiz ainda não póde conformar-se com os divertimentos publicos.

Está em Lisboa o tenor Moriani. Diz-se que o celebre artista cantaria na *Lucia* se os theatros estivessem abertos. Tambem se falla em que dará alguns concertos no salão de San'Carlos, se isso lhe for permittido.

No dia 1 do corrente entrou paquete d'Inglaterra. A rainha Victoria tinha dado á luz uma menina. Houve na camara-alta a primeira leitura do bill dos cereaes, que faz parte da reforma commercial de Peel. Eram grandes os esforços dos torys para embaraçar que o bill passe na camara. Os fundos portuguezes ficavam a 56½.

Na quinta da Rabixa, quasi debaixo dos arcos das aguas-livres, houve domingo uma desordem funesta, cujo principio parece ter sido apenas a quebra de uma bilha de barro a um rapaz. Resultaram graves ferimentos que occasionaram duas mortes. Os aggressores foram prêsos pelo povo. O passatempo, de certa parte da população de Lisboa, de ir aos domingos *passeiar e merendar* ás hortas, produz continuamente d'estas reixas mais ou menos funestas. Seria para desejar que estes habitos se substituissem por outros mais civilizados e menos perigosos, por exemplo, a frequencia dos espectaculos da tarde e da noite, o que faria com que outros ainda se estabelecessem, e o que dariam ao povo maior satisfação com menos despeza.